

SUSTENTABILIDADE

CULTIVANDO O FUTURO

Com mais de 38 mil empregos gerados, o movimento Sou de Algodão impulsiona a indústria têxtil, incentiva a sustentabilidade e facilita a jornada de jovens talentos da moda nacional

POR RAFAELA FLEUR



Quando o assunto é moda, é automático pensar em roupas. De fato, são elas que movimentam o mercado, brilham nas vitrines e protagonizam belos desfiles. No entanto, para que os tecidos ganhem silhuetas, é preciso que uma engrenagem gigantesca se movimente.

Aqui, cabe muita gente: desde o trabalhador do campo que produz os fios, até a mente criativa que idealiza a peça. A caminhada até o consumidor final é longa. Porém, com o avanço persistente das tecnologias e dos conglomerados globais de fast fashion, os processos por trás do que vestimos têm se tornado cada vez mais nebulosos. E, quando falta transparência, quase sempre, sobra exploração de mão de obra. Em meio ao cenário preocupante, termos como “sustentabilidade” e “matéria-prima de qualidade” se tornam cada vez mais relativizados. A boa notícia é que tem gente disposta a fazer diferente, como é o caso do movimento Sou de Algodão.

A iniciativa, desenvolvida pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), atua em frentes tão diversas que é difícil sintetizar suas ações. Idealizado em 2016, o projeto surgiu de uma lacuna que estava até então vazia no histórico do grupo: a cadeia têxtil.

Em 2004, a Abrapa iniciou seu processo interno de rastreabilidade, o que significa que todo algodão produzido por eles tinha remetente e destinatário registrados, possibilitando não só que o cliente saiba o que está consumindo, mas que os produtores tenham condições dignas de trabalho. Em 2012, o pilar da sustentabilidade deixou de ser um termo subjetivo para ser aplicado na prática, com o programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR), que permite mapear o caminho percorrido da semente plantada até o guarda-roupa. Feito isso, faltava algo que olhasse amplamente para toda a cadeia e tivesse um impacto direto com profissionais do mercado como um todo, como estudantes de moda e jovens estilistas.



“Para que a gente chegasse no movimento, a Associação fez um trabalho de estruturação do setor de profissionais de algodão no Brasil que vem desde 2004, quando surgiu o nosso sistema de identificação. Estávamos há muitos anos estudando e, em 2016, junto com o Sou de Algodão, veio nosso sistema de análise de qualidade. O algodão é colhido na lavoura e rende um fardo de mais duas toneladas. Nós recolhemos uma amostra e analisamos em laboratório mais de 15 fatores que influenciam na qualidade. Isso transforma a experiência da indústria e também do consumidor”, explica Silmara Ferraresi, diretora de relações institucionais da Abrapa.

Atualmente, 82% de toda a produção de algodão brasileiro têm certificação ABR. Os impactos socioambientais são absolutos, e o Brasil é o maior fornecedor de algodão responsável do mundo. As regras são meticulosamente supervisionadas e garantem que os direitos de milhares de trabalhadores sejam respeitados. Entre as exigências, estão contrato de trabalho regu-

lamentado, proibição de trabalho infantil, análogo à escravidão ou em condições degradantes, além de liberdade de associação sindical. Qualquer tipo de discriminação de pessoas, bem como o uso de agrotóxicos nocivos, também são terminantemente proibidos. Para adquirir o selo, atualmente fornecido em parceria com a ONG internacional Better Cotton Initiative (BCI), os agricultores precisam cumprir 178 requisitos de um rígido protocolo de boas práticas. As auditorias dos resultados são realizadas por empresas externas reconhecidas internacionalmente.

“O mercado agro é bastante escasso em iniciativas que valorizem o setor do início ao fim. A cadeia têxtil é longa, extremamente relevante no Brasil; envolve muitas pessoas. É o segundo segmento que mais emprega, e 70% da mão de obra é composta por mulheres. Estamos falando de agronegócio, e pensar em certificação ambiental, sustentabilidade e qualidade para todas as pessoas envolvidas tem uma importância muito grande”, destaca Silmara.



O avanço em números

A certificação ABR abrange 82 municípios e 374 unidades produtivas, sendo 233 em Mato Grosso e 79 na Bahia. Foram certificadas 2,55 milhões de toneladas de algodão, gerando 38 mil empregos diretos e formais. O movimento contribuiu com 37% do fornecimento de algodão certificado pela BCI no mundo. Além disso, o programa SouABR, focado em rastreabilidade, envolveu 50 fazendas e 44 produtores.

A relevância do trabalho realizado pelo movimento Sou de Algodão estende-se às grandes varejistas brasileiras. Empresas participantes, como C&A, Reserva, Renner e Youcom, têm um papel crucial na divulgação da rastreabilidade do algodão. No mês de dezembro de 2023, as instituições rastrearam um total de 175.741 peças, contribuindo de maneira significativa para promover a transparência e conscientizar os consumidores sobre a origem e o processo de produção.

Juventude em foco

Nascido em Monte Belo, no sul de Minas Gerais, o estilista Mateus Cardoso, 26, fez sua estreia na última edição do São Paulo Fashion Week, realizada em novembro de 2023. Filho caçula de uma família de agricultores, Mateus tem seis irmãos. Todos eles decidiram seguir o caminho dos pais e trabalhar no campo. Ele, porém, tinha o sonho antigo de ser designer. Seu primeiro passo em direção ao que desejava foi dado ao conseguir uma bolsa integral na faculdade Santa Marcelina, referência em moda na capital paulista. O segundo foi a vitória do Desafio Sou de Algodão, em 2019, com o qual ele ganhou R\$ 30 mil para investir na carreira e a chance de se apresentar na Casa de Criadores, feito realizado apenas em 2021, por causa da pandemia.

“Foi extremamente importante na minha vida. Além do apoio financeiro, vencer o desafio e participar da Casa de Criadores permitiu que mais pessoas conhecessem meu trabalho. Isso me ajudou a amadurecer profissionalmente e foi daí que surgiu o meu ateliê”, relembra Mateus. Considerado um dos maiores destaques da nova geração, o foco do jovem é a alfaiataria e suas diversas reinterpretações. Modelagens impecáveis, tecidos estruturados de alta qualidade e um olhar sempre disponível a atualizações são traços inegociáveis em suas criações.

Atualmente em sua terceira edição, o Desafio Sou de Algodão é voltado para estudantes de moda de todo o Brasil. Quinze projetos de cada região são selecionados e posteriormente avaliados por uma banca que também é diversa. Quem vence leva R\$ 30 mil e uma vaga na Casa de Criadores, maior evento de moda autoral do país, realizado na capital paulista há 27 anos e conhecido por potencializar novos estilistas. O professor que orienta o trabalho vencedor recebe R\$ 10 mil. O segundo e terceiro colocados ganham 100 e 50 metros de tecido, respectivamente, fornecidos por tecelagens e malharias parceiras do movimento. Mais de 200 universidades de todo o país já participaram.

“Para os estilistas, é incrível; é quase um projeto de capacitação profissional. Fazemos uma reunião com todos os estilis-

SUSTENTABILIDADE

tas, visitamos as fazendas de algodão, então eles conseguem ter uma proximidade muito grande com todos os processos. É uma parceria com a qual todo mundo ganha. O fruto disso vemos na passarela. Não é só para quem está começando, é para quem tem um olhar disposto a mexer com as estruturas, quem valoriza suas vivências, o que é exatamente a essência da Casa de Criadores”, reflete André Hidalgo, fundador do evento.

Conhecido nacionalmente pelas silhuetas estruturais e peças suntuosas, o estilista paraibano Rodrigo Evangelista também teve sua carreira impulsionada pela iniciativa. “Eu já tinha vontade de ter uma marca e desfilas, vi que seria uma ótima oportunidade. Foi de uma importância enorme, tive contato com profissionais que eu só conhecia pela internet. Coloquei a cara à tapa e, mesmo sem experiência, realizei meu primeiro desfile. Foi o início de uma linda história que estou construindo”, comenta Rodrigo, que já expôs suas peças no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, soma publicações em diversas revistas de moda e já vestiu artistas como Ludmilla, Cláudia Raia, Paolla Oliveira, Sophie Charlotte, Marina Sena e Pablo Vittar.

Em meio aos desafios enfrentados pela indústria têxtil em escala global, encontramos motivos para nos orgulhar do que é feito no Brasil. Com qualidade, sustentabilidade e ética, é possível tecer um futuro em que a beleza da moda se une à responsabilidade social e ambiental, manifestando a essência coletiva em cada fio.

“Para os estilistas,
é incrível; é
quase um projeto
de capacitação
profissional.”

— ANDRÉ HIDALGO



FOTOS: RUDINEY ABRAPA, DIVULGAÇÃO